

Antonio Fabiano Feijó Maia

A ESCOLA VAI AO MUSEU: avaliação da aula-visita
ao Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação da Fundação Cesgranrio,
como requisito para a obtenção do título
de Mestre em Avaliação

Orientadora: Profa. Dra. Thereza Penna Firme

Rio de Janeiro
2009

M217 Maia, Antonio Fabiano Feijó.

A escola vai ao museu: avaliação da aula-visita ao Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro / Antonio Fabiano Feijó Maia. - 2009.
54 f. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Thereza Penna Firme.
Dissertação (Mestrado Profissional em Avaliação) - Fundação Cesgranrio, 2009.

Bibliografia: f. 48.

1. Avaliação educacional – Rio de Janeiro (RJ). 2. Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro – Avaliação - Rio de Janeiro (RJ). I. Penna Firme, Thereza. II. Título.

CDD 371.26098153

Ficha catalográfica elaborada por Vera Maria da Costa Califfa (CRB7/2051)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

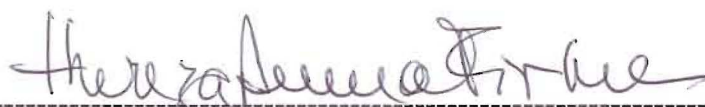
ANTONIO FABIANO FEIJÓ MAIA

A ESCOLA VAI AO MUSEU: avaliação da aula-visita ao Museu da Imperial
Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação da Fundação Cesgranrio,
como requisito para a obtenção do título
de Mestre em Avaliação.

Aprovada em 18/6/2009

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. THEREZA PENNA FIRME
Fundação Cesgranrio



Profa. Dra. ANA CAROLINA LETICHEVSKY
Fundação Cesgranrio



Pe. Dr. SÉRGIO CAVALCANTE MUNIZ
Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro

Sobre Nossa Senhora que me acompanhou nas vigílias deste trabalho, eu diria: “Ao amanhecer, permanecia entre nós; era como uma bandeira abandonada no deserto”.

(Gibran)

Dedico esta dissertação a minha Santa Esmeralda, a Gary de Oliveira Bon-Ali e à Professora Thereza Penna Firme, pessoas que incentivaram meus estudos e meu crescimento profissional.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho deve muito a algumas pessoas e instituições, por diferentes razões e eu gostaria de agradecer-lhes especialmente:

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Thereza Penna Firme, por ser, uma pessoa disposta a incentivar constantemente a busca de novos caminhos, ouvindo com especial interesse questões, dúvidas e problemas que surgiram durante o processo de reflexão. Ela foi paciente, generosa e amiga na compreensão silenciosa dos momentos difíceis pelos quais passei. Pela imensa alegria de trabalharmos juntos, sempre estará presente em minha vida.

À Prof^a. Dr^a. Ligia Gomes Elliot, por ter despertado meu interesse sobre avaliação e pelas excelentes sugestões oferecidas ao longo do curso, como professora e coordenadora.

Ao Padre Sérgio Costa Couto, meu amigo, intensamente presente em minha vida.

Ao Prof. Carlos Alberto Serpa de Oliveira, Presidente da Fundação Cesgranrio e Grande Benfeitor da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, pela confiança e pelo crédito depositado em mim na realização deste Mestrado.

À Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Letichevsky por sua generosidade, por sugestões valiosas e sua participação na Banca de Defesa.

Ao Padre. Dr. Sergio Muniz, por seu interesse, sua amizade e especial presença na Banca de Defesa.

À Prof^a. Dr^a. Maria Emília Barcellos da Silva, por competente ensino e incentivo em alguns momentos difíceis que passei no Mestrado.

À Prof^a. Dr^a. Angela Carrancho da Silva, por excelentes aulas.

À Prof^a. Ana Maria Andrade, que foi uma fonte de apoio nos procedimentos metodológicos desta dissertação.

À Bibliotecária Vera Califfa, por sua generosidade.

Ao Dr. Gary Bon-Ali, por ser uma pessoa que acreditou em mim, ajudou-me em todos os sentidos e continua incentivando sempre meus estudos, agindo como um pai para mim.

À Prof. Dr. Dalton Raphael, que tive a oportunidade de conhecer, como brilhante professor de Arquitetura Colonial na PUC-RJ.

A Jon Karl Weibull, por vinte anos de amizade, sempre colega nos estudos, com disponibilidade em trocar informações e ajuda em especificações que eu não conhecia.

Aos amigos Oscar Weibull e Arthur Angelune Shimidt, pela sinceridade de nossa amizade acima de qualquer outra coisa.

Ao Prof. Tito Queiroz, por ter generosamente facilitado a visita de seus alunos do Colégio Estadual Conde de Agrolongo à Igreja e ao Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

Aos colegas Maximilian, Tânia, Rossano, Anderson, Lílian e John, Martha, Vanessa, Silmar, Anita, e tantos outros que foram tão importantes durante estes dois anos de dedicação ao Mestrado.

A todos os colegas de turma e funcionários do Mestrado da Fundação Cesgranrio pelo companheirismo.

À Mesa Administrativa da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

Ao “boa sorte” que recebi de Jeane de Sousa Ribeiro, momentos antes de iniciar a prova de seleção do Mestrado. Obrigado por seu amor e carinho.

A minha família, por todo o apoio, carinho e amor, especialmente a minha mãe, que está em comunhão, com os santos no Reino dos Céus.

Aos alunos do Colégio Estadual Conde de Agrolongo, sem os quais esta avaliação não teria sido possível.

À presença de Nossa Senhora da Glória em minha vida.

A Deus por **tudo** que tenho em minha vida.

RESUMO

O foco de atenção da presente avaliação é a aula-visita do Projeto “Escola vai ao Museu” que se desenvolve no Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. É o significado educativo desse Projeto que justifica a necessidade de uma avaliação. O propósito da avaliação foi o de verificar o impacto da referida aula-visita no aproveitamento escolar de alunos de Ensino Médio. Foi também examinado o mérito da visita no que se refere às condições internas de facilitação ao processo de visita, em favor dos resultados esperados. Assim, no presente estudo avaliativo, foi realizada uma aula-visita cujo tema central enfatizou a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, na celebração de seus 200 anos. Indicadores de mérito e de impacto foram construídos e, com base nestes, foi elaborada uma lista de verificação, aplicada aos alunos, quatro semanas após a visita. Os resultados mostraram que os alunos tiveram percepção altamente favorável sobre seu aproveitamento escolar após a visita, o que confirma o impacto. Com relação às condições internas da visita, eles demonstraram satisfação quanto à condução da aula-visita, o que responde pelo mérito.

Palavras-chave: Avaliação de mérito. Avaliação de impacto.

ABSTRACT

The focus of the present evaluation is the visiting-class to the Project “School goes to the Museum” which has taken place in the “Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro”. It is the educational importance of this Project that justifies the need for an evaluation. The purpose of the evaluation was to examine the impact of the visit on the school achievement of middle school students. The merit of the visit was also examined regarding the internal conditions that facilitate the visiting process towards expected results. Thus, in the present evaluation study, a visiting-class on the topic related to the celebration of the 200 years of the Royal Portuguese Family arrival to Brazil (1808-2008) was realized. Indicators of merit and impact were built and served as basis to construct a checklist applied to the students four weeks after the visit. Results showed that the students had a highly favorable perception about their school achievement after the visit; this confirms impact. Concerning the internal conditions of the visiting procedures, the students expressed great satisfaction; this refers to merit.

Keywords: Evaluation of merit. Evaluation of impact.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Nicho de Nossa Senhora.....	17
Figura 2	Azulejos.....	18
Figura 3	Portão da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.....	20
Figura 4	Igreja e ao fundo, o Cristo Redentor.....	20
Figura 5	Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, antes da restauração em 2007.....	22
Figura 6	Igreja e ao fundo, o prédio onde está localizado o Museu.....	25
Quadro 1	Questões avaliativas e respectivos indicadores.....	32
Quadro 2	Itens da <i>checklist</i> relacionados aos indicadores de impacto e de mérito.....	33
Gráfico 1	Perfil dos respondentes por faixa etária.....	36
Gráfico 2	Respostas dos alunos participantes sobre o conhecimento anterior do Museu e da Igreja e fatores que dificultam a visita.....	37
Gráfico 3	Vivência no momento histórico.....	38
Gráfico 4	Concretização do fato histórico.....	38
Gráfico 5	Relacionamento do acervo com o fato histórico.....	39
Gráfico 6	Interesse em visualizar o fato histórico.....	39
Gráfico 7	Conhecimento lógico de História.	39
Gráfico 8	Satisfação na aprendizagem.....	40
Gráfico 9	Participação.....	40
Gráfico 10	Rendimento escolar.....	41
Gráfico 11	Acessibilidade ao Museu.	41
Gráfico 12	Orientação.....	42
Gráfico 13	Identificação do acervo.	42
Gráfico 14	Infraestrutura.....	43
Gráfico 15	Divulgação.....	43

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	PROPÓSITO DA AVALIAÇÃO.....	12
2	REFLEXÕES PRELIMINARES	14
2.1	ALGUMAS REFERÊNCIAS DA LITERATURA PERTINENTE.....	14
2.2	HISTÓRICO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO.....	15
2.3	ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AVALIAÇÃO.....	22
3	O PROJETO “A ESCOLA VAI AO MUSEU”	25
3.1	O FOCO DA AVALIAÇÃO.....	26
3.1.1	Descrição da Aula-Visita.....	26
3.1.2	A dinâmica da aula-visita.....	28
4	O PROCESSO AVALIATIVO	31
4.1	QUESTÕES AVALIATIVAS.....	31
4.2	CONTEXTO E PARTICIPANTES DA AVALIAÇÃO.....	31
4.3	INDICADORES.....	31
4.4	O INSTRUMENTO.....	32
4.5	A TESTAGEM E VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO.....	34
4.6	COLETA DE DADOS.....	34
5	RESULTADOS	36
5.1	CONHECIMENTO ANTERIOR DO MUSEU E DA IGREJA, E DIFICULDADES EM REALIZAR A VISITA.....	37
5.2	RESPOSTAS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO A CADA INDICADOR.....	37
5.2.1	Indicadores de impacto.....	38
5.2.2	Indicadores de Mérito.....	41
5.3	FORMULAÇÃO DO JUÍZO DE VALOR.....	44
6	CONCLUSÕES, LIÇÕES APRENDIDAS, RECOMENDAÇÕES	46
6.1	CONCLUSÕES E LIÇÕES APRENDIDAS.....	46
6.2	RECOMENDAÇÕES.....	46
	REFERÊNCIAS	48
	ANEXOS	49

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o relato de uma avaliação que atende ao requisito da Dissertação de Mestrado Profissional em Avaliação, deste autor. A área de atenção dessa avaliação é o Projeto “Escola vai ao Museu” que se desenvolve no Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. É o significado educativo desse Projeto que justifica a necessidade e a importância de uma avaliação.

Mais especificamente, o referido Projeto busca a democratização do bem cultural, estabelecendo oportunidades para que escola, alunos e professores possam trabalhar as questões de arte e de patrimônio histórico, artístico e cultural, no seu cotidiano pedagógico. Especificamente, foram escolhidos como objetos de atenção, o Museu e a Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Espera-se que, através de ações educativo/culturais, alunos, de ensino médio e professores, entrando em contato com a História e com a Arte, reconheçam a importância que o Museu tem na formação integral no aluno.

A ação educativa priorizada na missão do projeto consiste essencialmente na visita dos alunos e dos professores ao Museu, o que é o foco desta avaliação. Parte-se do pressuposto de que o acesso ao patrimônio histórico complementa e fortalece o aprendizado do aluno. Em outras palavras, é bom tanto para o aluno quanto para o professor. Acreditando na importância dessa integração - Escola-Museu - foi realizada a presente avaliação.

1.1 PROPÓSITO DA AVALIAÇÃO

O propósito deste estudo avaliativo é produzir informações de qualidade que possibilitem juízo de valor sobre o foco de atenção e a tomada de decisões pertinentes. As oportunidades de atender às necessidades dos usuários e de propiciar motivação e aprendizagem em um museu são tanto maiores quanto mais se entende o que acontece durante uma visita.

O interesse deste autor pela realização dessa avaliação no Museu e na Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro veio a partir de sua experiência de nove anos, na observação de grupos de visitantes a essa Instituição histórico-religiosa, bem como no contato com as escolas para agendamento de visitas guiadas, vale ressaltar que a visita ao museu é uma atividade de grande

significado educativo mas nem sempre suficientemente aproveitada. Assim, torna-se cada vez mais importante, aprimorar roteiros de visita, bem como atualizá-los.

Como um ponto de partida essencial para o presente estudo foi realizado um trabalho preliminar com um grupo de professores de História, da rede de Educação, com o propósito de motivá-los para a relação Escola-Museu e sensibilizá-los para esta avaliação. Assim, se assegurou a realização de uma situação concreta da atividade principal do encontro Escola-Museu, ou seja, a visita.

Para viabilizar a intenção deste autor e a participação de escolas, foi necessário limitar o escopo da avaliação a um grupo de alunos, em visita ao Museu e à Igreja. Dessa forma, preferiu-se reduzir o quantitativo para priorizar a qualidade. Nesse sentido, foi preciso o apoio de uma instituição educacional, cedendo algumas de suas turmas para a realização do trabalho.

Em síntese, o aspecto decolador do processo avaliativo foi receber grupos de alunos no Museu e na Igreja, colocando-os em contato com essa realidade. Após essa atividade em questão, sempre orientada por este autor, foi avaliado o impacto da visita no aproveitamento escolar dos alunos, no que se refere a atividades relacionadas à História do Brasil. Por outro, lado foi examinado o mérito das condições de apresentação do acervo e da museografia, na medida em que esses fatores tendessem a facilitar o melhor aproveitamento ou impacto dos visitantes, especificamente dos alunos em questão.

Assim, essencialmente, o propósito desta avaliação se dirigiu à formulação do julgamento do mérito como qualidade interna da visita, no seu desenvolvimento e do julgamento do impacto da visita, na melhoria dos alunos, em termos de seu aproveitamento escolar, levando-se em consideração, o significado educativo e cultural de uma atividade dessa natureza, ou seja, a visita ao Museu.

2 REFLEXÕES PRELIMINARES

No intuito de fundamentar o tema por excelência da presente avaliação, ou seja, a visita ao museu no sentido da integração escola-museu cabem aqui algumas referências da literatura pertinente, o histórico da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, onde se insere o Museu visitado no presente estudo e algumas reflexões sobre avaliação.

2.1 ALGUMAS REFERÊNCIAS DA LITERATURA PERTINENTE

No Brasil, nota-se a carência de estudos periódicos que ofereçam subsídio para refletir sobre a evolução das práticas culturais e de lazer, nas quais estão inseridas as visitas aos museus (ALMEIDA, 2003). O relatório de pesquisa intitulado “Observatório de museus e centros culturais” (CAZELLI, 2009), da Fundação Oswaldo Cruz, propõe o desenvolvimento de um sistema de produção, reunião e compartilhamento de dados e conhecimentos diversos sobre museus e sua relação com a sociedade. Tal documento reúne informações sobre instituições museais variadas, promovendo o intercâmbio entre museus e demais temáticas do campo cultural.

Os objetivos do mencionado documento são: (1) realizar e estimular a produção periódica de dados sobre os museus; (2) mapear e divulgar conhecimentos, práticas, abordagens teóricas e metodológicas variadas sobre a realidade dos museus e (3) contribuir para a ampliação do debate e da reflexão sobre o papel dos museus na sociedade. Para alcançar esses objetivos, várias atividades vêm sendo realizadas, tais como: (a) elaboração de protocolos compartilhados de pesquisa; b) elaboração de protocolos complementares, quantitativos ou qualitativos; c) análise de fontes diversas; d) formação e capacitação; e) realização de oficinas e minicursos para implantação e acompanhamento das pesquisas junto aos profissionais responsáveis pela sua condução nas instituições participantes; f) promoção de seminários científicos para registro e intercâmbio dos resultados de pesquisas, debates teóricos e demais contribuições para enriquecer a reflexão sobre o museu e sua relação com a sociedade, entre pesquisadores e profissionais da área.

Um outro aspecto importante desse trabalho é a divulgação e a comunicação de resultados que é feita através da definição de linha editorial visando à publicação

de boletins, livros, periódicos, manuais técnicos, dentre outros e a criação e manutenção do Sítio eletrônico do Observatório de museus e centros culturais.

Mais amplamente, o objetivo geral do referido estudo é contribuir para a produção de dados sobre práticas e atores implicados na relação entre museus e sociedade, visando promover reflexão, sobre a apropriação social e cultural dos museus e seu impacto na qualidade de vida das populações.

Outra referência importante relativa a essa área cultural é o trabalho sobre arte (DUARTE, 2004. p 27.), em que a autora faz um estudo sobre o trabalho dos monitores de visitas a exposições em museus e centros de arte, tomando como referência o Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão (CAMJAP) da Fundação Calouste Gulbenkian e o Centro Cultural de Belém (CCB), as duas instituições que no domínio da arte moderna e contemporânea em Lisboa, desenvolvem uma prática mais continuada de sensibilização para as artes visuais. A primeira parte do trabalho situa a dimensão educativa na vida dos museus, procurando acompanhar a evolução do conceito de educação no interior dessa instituição.

Além disso, a autora se refere a um grupo ocupacional em emergência no cenário das profissões culturais em Portugal, isto é, os profissionais dos serviços educativos. Na segunda parte, ela apresenta uma caracterização dos contextos institucionais que foram objeto de estudo e representam os cenários de atuação dos monitores de visitas a exposições. Na terceira parte, são observados os modos como os monitores se posicionam em diversos planos, ou seja, entre outros: motivações e acesso à atividade; importância no percurso profissional; ligação às instituições onde realizam visitas e razões da exclusividade ou da acumulação.

2.2 HISTÓRICO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO

Em 1565, Estácio de Sá fundou a cidade entre o morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar e , em 1567, isto é, apenas dois anos após a fundação ocorreu o célebre combate contra os franceses que já tinham invadido a baía de Guanabara antes mesmo da chegada de Estácio de Sá. Juntamente com seus aliados os, índios Tamoios, travou-se ferrenha luta contra os portugueses pelo mar, na altura do morro do Leripe. E que morro é este? O Outeiro da Glória.

Neste combate Estácio de Sá é ferido, vindo a falecer e Mem de Sá determina que a cidade seja transferida para o morro que após diversas designações tais como: Descanso, São Januário, ficou conhecido como Morro do Castelo até os seus derradeiros dias em 1922, quando foi totalmente arrasado (FRIDMAN, 2002, p. 13).

Muitos fatos e acontecimentos ocorreram na cidade do Rio de Janeiro desde a sua fundação até o ano de 1671, quando o português Antônio Caminha, um ermitão, que andava vestido com o hábito da Ordem Terceira de São Francisco, resolveu construir no Outeiro do Leripe uma tosca capela, colocando a imagem de Nossa Senhora da Glória, no seu interior. O motivo de se colocar a imagem de Nossa Senhora da Glória nesse outeiro foi o fato de os portugueses terem atribuído a Ela, a vitória sobre os franceses. O título “Glória” é pertinente ao episódio. Aliás, a imagem, na sua concepção original representa a Assunção de Nossa Senhora aos Céus em Triunfo. O Outeiro da Glória foi propriedade de Vicente Leão, que recebeu as terras em virtude de sesmaria. Com o seu falecimento as terras foram adquiridas pela família Rocha Freire que posteriormente as vendeu ao Dr. Cláudio Gurgel do Amaral. Este por escritura datada de 20 de junho de 1699 fez doação à Irmandade de Nossa Senhora da Glória, constando a seguinte condição: “para nele edificar-se uma ermida que fosse permanente e não sendo assim ficaria revogada a doação e com a condição de que na referida ermida lhe daria sepultura a ele doador e a todos os seus descendentes” (MORALES DE LOS RIOS FILHO, 2000, p. 42).

Cláudio Gurgel do Amaral era homem afeito a caridade, foi ministro da Ordem Terceira da Penitência e exerceu diversos cargos na Casa de Misericórdia, chegando a ser provedor da mesma, durante o período de 1703 a 1705. A velha ermida recebeu melhoramentos após a escritura de doação e já se apresentando com aspecto de capela, mas somente em 1714 foi lançada a pedra fundamental da Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro e após 25 anos, portanto, em 1739, foi inaugurada (IMPERIAL IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO, 1945).



Figura 1: Nicho de Nossa Senhora.
Fonte: Foto de Antonio Fabiano Feijó Maia (2009).

Em 9 de outubro de 1739, os devotos da Virgem fizeram uma petição ao bispo D. Frei Antônio de Guadalupe, a fim de reativarem a Irmandade, nos seguintes termos:

Dizem os devotos da Virgem Nossa Senhora da Glória, cuja capela ou igreja se acha sita nesta cidade, extramuros, que ele para maior obséquio, serviço, culto da mesma Senhora, permitisse arrecadação e administração das esmolas com que os fieis concorressem para o mesmo culto e veneração, tem assentado erigir uma irmandade ou confraria com o título da mesma Senhora; para regra dela também determinam fazer seu compromisso que há de ser aprovado e confirmando por V.Ex.a.; e como a querem erigir com a autoridade de V Ex.a. , portanto pedem a V.Ex.a. em atenção ao culto da mesma Senhora , lhes faça mercê conceder licença para erigirem a dita irmandade, e mandar para o mesmo efeito passar provisão de ereção na forma de estilo (FLEMING, 1939, p. 26).

O bispo lavrou a seguinte Provisão:

D. Frei Antônio de Guadalupe, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo do Rio de Janeiro, do Conselho de Sua Majestade, que Deus guarde [...]
Aos que esta nossa Provisão virem saúde e paz em o Senhor, que de todos é verdadeiro remédio e salvação'.
Fazemos saber que, atendendo nós ao que por sua petição retro nos enviaram a dizer os devotos de Nossa Senhora da Glória desta cidade, extramuros, eles por serviço de Deus e da mesma Senhora ,

queriam erigir de novo a Irmandade da dita Senhora, e para o que pediam déssemos nossa autoridade e consentimento para o fazerem, a qual sendo por nos vista, havemos por bem de dar licença e consentimento aos ditos para erigirem de novo a sobredita Irmandade de Nossa Senhora da Glória, interpondo nossa autoridade. E depois de ereta farão seu compromisso em ordem ao bom governo dela’.

Dada nesta cidade do Rio de Janeiro, sob o nosso sinal e selo da nossa chancelaria aos dez dias do mês de outubro de 1739. E eu Antônio da Fonseca Lopes, escrivão da Câmara Eclesiástica, que a subscrevi (FLEMING, 1939, p. 26).

Neste mesmo ano a Irmandade organizou o seu compromisso, com 24 capítulos que foi lavrado por Bento Pereira da Luz. Em 16 de dezembro de 1739 foi requerida pela Irmandade a aprovação do compromisso e em 7 de janeiro de 1740 foi o mesmo aprovado pelo bispo.

Infelizmente, não se guardou notícia do autor do belo templo; “atribui-se a autoria ao engenheiro José Cardoso Ramalho” (TELLES, 1969, p. 63).

A riqueza dos detalhes arquitetônicos obriga a descrevê-lo. Sua planta é constituída de dois octógonos alongados com esguias pilastras de cantaria, os octógonos são irregulares e interligados, antecedidos pela base quadrada da torre sineira, cujo pé serve de pórtico. A capela mor poligonal insere-se no octógono posterior de tal maneira que forma, nos intervalos, corredores pelos lados e pequena sacristia aos fundos. Existem dois corredores térreos onde começam as escadas de acesso aos púlpitos, às tribunas das naves e ao coro.



Figura 2: Azulejos.

Fonte: Foto de Antonio Fabiano Feijó Maia (2009).

Os azulejos adornam o templo, a nave, a capela-mor, a sacristia e o coro. Eles são datados com segurança ente 1735 e 1740 e inspirados no Cântico dos Cânticos e atribuídos a Mestre Valentim (TELLES, 1969).

No segundo piso, dependências semelhantes de circulação formam as tribunas. A torre sineira forma pórtico com abobada de aresta entre três arcos de cantaria. A nave com paredes de excepcional espessura é coberta com uma abobada de berço entre duas abobadas cônicas, separadas por arcos duplos de cantaria, sendo encimada por terraço de cobertura. As esguias pilastras que demarcam os sucessivos planos são coroadas por coruchéus altos e robustos. A portada central é neoclássica e tem um medalhão da Senhora da Assunção (EDMUNDO, 1957, p. 72).

Não só os traços desta igreja demonstram a beleza e o cuidado que tiveram seus construtores; sua decoração é pomposa, basta verificar os azulejos da nave, com desenhos monocromos em azul com fundo branco, de composição barroca datados de 1735 a 1740 e que foram feitos sob encomenda representando cenas inspiradas em “Cântico dos Cânticos”, tal como já foi dito, com Sulamita, um anjo e um pastor, em cenas de jardins, tocando instrumentos musicais e fazendo grinalda de flores.

Os dois altares laterais são dedicados a São Gonçalo e Santo Amaro, sendo as bacias dos púlpitos de pedra portuguesa do final do século XVIII. A sacristia é revestida de barras de azulejos com painéis de cenas de caça e possui um arcaz do século XIX, cujo retábulo contém um oratório, dois espelhos e quatro painéis com os Santos Doutores da Igreja.

Apesar da Irmandade de Nossa Senhora da Glória existir desde o século XVII seu compromisso só foi aprovado em 1739, ano de fundação da igreja.

A localização privilegiada da Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro fez com que ela fosse uma das mais retratadas igrejas por todos os viajantes que pelo Rio de Janeiro passaram, tornando um lugar de destaque. Hoje, além da beleza do templo e da deslumbrante vista da cidade do Rio de Janeiro que se pode admirar do seu adro, a Irmandade nos convida para a visita ao seu Museu que fica numa construção assobradada localizada nos fundos da igreja.



Figura 3: Portão da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.
Fonte: Foto de Antonio Fabiano Feijó Maia (2009).



Figura 4: Igreja e ao fundo, o Cristo Redentor.
Fonte: Foto de Antonio Fabiano Feijó Maia (2009).

A origem do museu foi em 1939, por ocasião dos festejos do bicentenário da Irmandade e, em 1941 foi instalada, a sala de exposição do recém construído edifício Glória do Outeiro. O museu que esteve fechado à visitação desde 1966 foi, em 1985, reaberto ao público, ampliando-se o seu espaço físico. E detém um belo e rico acervo, não só de cunho religioso como também objetos pessoais que foram ofertados em virtudes de promessas, inclusive pela família imperial, como o conjunto de broche com pingentes e par de brincos para orelhas furadas, de prata, ouro e diamante, doação feita por D. Pedro I. Um valioso e esplêndido quadro pintado a óleo em 1846 por P. Bertichen, mostrando um aspecto da Glória com a igreja ao fundo é uma das peças que enriquecem o museu, bem como o livro do primeiro compromisso da Irmandade, datado de 1739.

Em 1808, chegando ao Brasil a Família Real, a Igreja passa a ter destaque acima da sua beleza arquitetônica, pois todos os seus membros passaram a frequentá-la assiduamente, tendo inclusive, nela, sido consagrada em 1819, a primeira neta de D. João VI, Maria da Glória que se tornou posteriormente rainha Maria II, de Portugal.

D. Pedro II e a princesa Isabel também foram consagrados nesta igreja. O título mais cobiçado por uma irmandade foi concedido por D. Pedro II em 27 de dezembro 1849, podendo, portanto, a partir desta data acrescentar a denominação de Imperial (MONTE ALEGRE, 1849, p. 2.).

A Igreja de Nossa Senhora da Glória foi tão Importante para D. Pedro II, que foi feita uma oração de ação de Graças pela elevação do mesmo ao pleno exercício de seus direitos majestáticos, no dia 29 de agosto de 1840.

Apesar de ser a preferida da Família Imperial, isto não significava que a Igreja tivesse se afastado das classes menos abastadas. Exemplo maior eram as festas realizadas no dia de Nossa Senhora da Glória, 15 de agosto, quando o povo participava de toda a programação que constava de missa cantada pela manhã, procissão à tarde, fogos de artifícios e bailes eram frequentes na redondeza, principalmente os que tinham participação das elites da época, como os oferecidos pela Viscondessa de Sorocaba e o do Visconde de Meriti, onde hoje se localiza o Palácio Episcopal. Não se pode negar que a festa de Nossa Senhora da Glória era, no século XIX, efetivamente a mais popular festa religiosa.

No dia 30 de abril de 1870 celebrou-se uma Missa, pelo fim da guerra do Paraguai que ocorreu em 1º de março, tendo comparecido sua alteza imperial e família, inclusive o Conde d'Eu, que tinha chegado ao Brasil regressando dos campos de batalha no dia anterior, sendo a cerimônia religiosa dirigida pelo padre João Manoel. Toda a redondeza da Glória estava vistosamente ornada e na subida da ladeira para alcançar a igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro erguia-se majestoso arco encimado pelas letras VVV, referindo-se a frase "Vim, Vi e Venci" (VENI, vidi, vici, 2009) uma famosa frase latina supostamente proferida pelo general e cônsul romano Júlio César em 47 a.C.. César utilizou a frase numa mensagem ao Senado Romano descrevendo sua recente vitória sobre Farnaces II do Ponto na Batalha de Zela. A frase serviu tanto para proclamar seu feito, como também alertar aos senadores de seu poder militar. O palacete do Visconde de Meriti recebia os convidados em seus salões que dançaram até as três horas da madrugada, inclusive o imperador (IMPERIAL IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO, 1983).

Com o advento da República, os festejos comemorativos ao dia de Nossa Senhora da Glória ficaram mais simples, mas a tradição foi preservada. No dia 5 de agosto realiza-se a mudança das vestes de Nossa Senhora da Glória. A imagem é retirada do trono e do altar-mor por irmãos graduados e numa sala adjacente às tribunas, a portas fechadas, é feita a troca das vestes, num silêncio respeitoso.



Figura 5: Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, antes da restauração em 2007.
Fonte: Foto de Antonio Fabiano Feijó Maia (2007).

2.3 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AVALIAÇÃO

Permitir a produção de um retrato de como está a qualidade da educação em determinado momento para que, a partir da análise e da interpretação desta imagem, seja possível construir diagnósticos e projetar soluções que possibilitem melhorar a qualidade do ensino é basicamente a grande preocupação dos sistemas de avaliação, desenvolvidos em nosso País.

Dessa forma, a Avaliação serve como processo para examinar o desempenho e, a partir daí, permitir a formação de juízos de valor sobre o que foi observado, o que será subsídio para estabelecer as competências a serem desenvolvidas e aperfeiçoadas, com o intuito de corrigir e fortalecer ações destinadas à melhoria da qualidade de ensino. Entretanto, é preciso estar alerta no sentido de que

avaliar poder ser um empreendimento de sucesso, mas também de fracasso, pode conduzir a resultados significativos ou a respostas sem sentido; pode defender ou ameaçar. Ou avançamos na mudança do século ou, tropeçamos. A decisão clama pelo desafio porque as aceleradas inovações técnico-metodológicas na avaliação estão em descompasso com a prática educacional (PENNA FIRME, 2001).

É nesse contexto que se destaca o papel da avaliação como apreciativo, enquanto propõe uma nova maneira de descobrir a realidade, ressaltando todos os aspectos positivos do aluno, admitindo suas falhas e encontrando ferramentas para

resolvê-las. Um fator importante da referida abordagem avaliativa é assegurar a autoestima, mostrando caminhos do crescimento individual e social e permitindo ao indivíduo perceber-se como uma pessoa humana, rica de possibilidades de aprendizagem, capaz de superar dificuldades e obstáculos (PENNA FIRME, 2001).

Scriven (1967 apud WORTHEN, SANDERS E FITZPATRICK, 2004) desenvolveu uma série de ideias fundamentais para a compreensão da avaliação educacional. A diferença entre *roles* (papéis) e *goals* (objetivos) foi, assim, uma das suas muitas contribuições para o desenvolvimento de uma possível futura teoria da avaliação. Os objetivos consistem em oferecer uma resposta satisfatória aos problemas propostos pelas questões a serem avaliadas. Os papéis se referem às maneiras como essas respostas são usadas.

Ao diferenciar os papéis formativos e somativos da avaliação, o referido autor apresenta dois conceitos que vão influenciar enormemente o futuro e a prática da avaliação. Ele mostrou que a avaliação formativa deve ocorrer ao longo do desenvolvimento de programas, projetos e produtos educacionais, com vistas a proporcionar informações úteis para que os responsáveis possam promover o aprimoramento do que está sendo objeto de implementação. A discussão entre especialistas, ao longo do desenvolvimento de um programa ou aplicação de diferentes instrumentos de mensuração a grupos de estudantes seriam, por exemplo, práticas envolvendo a dimensão formativa da avaliação.

A avaliação somativa, conduzida ao final de um programa, possibilita ao seu futuro usuário, elementos para julgar a sua importância ou o seu valor. Pode-se usá-la, por exemplo, para determinar a eficácia de um currículo. Ao término de um programa, dever-se-á julgar o seu valor e empreender outras decisões, inclusive em relação ao futuro do programa, ou seja, se deve continuar, ser reformulado ou encerrado definitivamente.

Os dois tipos de avaliação são fundamentais, considerando que várias decisões devem ser tomadas no decorrer das diversas fases do desenvolvimento do programa. Ambos os tipos de avaliação tem por objetivo melhorar o programa em questão. Isto significa que se torna fundamental a relação professor-aluno em relação a uma prova por exemplo. Após sua aplicação: a devolução deve envolver uma discussão dos resultados e das possíveis razões para a falta de sucesso.

A maior parte dos professores realiza fragmentos da avaliação formativa, pois o que lhes falta são instrumentos e sistematização no processo, razão pela qual o

plano escolar deve estabelecer os indicadores da avaliação formativa, sobretudo no que se refere aos conteúdos atitudinais. Quanto à avaliação somativa em geral, todos a fazem. Contudo, todos também estão de acordo que ela é sempre “um grande problema”. Entre as diversas dificuldades relacionadas às provas, há aquelas relacionadas à preparação para que fiquem garantidas clareza nas instruções, coerência com o que foi ensinado e ausência de ambiguidades nos enunciados. Scriven (1967 apud WORTHEN, SANDERS E FITZPATRICK, 2004), antes mencionado, destaca que o campo da avaliação é cheio de inquietações metodológicas, o que é positivo, no sentido de provocar a busca de aperfeiçoamento, mas é ainda complexo para o praticante de avaliação.

É precisamente nesse contexto metodológico da avaliação que emergem as Questões Avaliativas, imprescindíveis para nortear o processo avaliativo, o qual se dirige à investigação e ao julgamento de determinado objeto, levando-se em conta, duas importantes dimensões, ou seja, a avaliação do mérito e a avaliação da relevância ou impacto (SCRIVEN,1991).

O mérito se refere à qualidade interna, intrínseca, do objeto (quer se trate de programa, curso, sistema, instituição ou atividade) enquanto possui os elementos ou os fatores (estrutura, procedimentos, condições) que favoreçam o alcance dos resultados.

A relevância, ou impacto se refere aos efeitos, às consequências, às mudanças ou aos resultados alcançados. Nesse sentido, a avaliação, na sua concepção mais ampla, é um desafio na direção da formulação do juízo de valor sobre o mérito e a relevância ou impacto de seu objeto de atenção. Assim, em sintonia com as Questões de Mérito e Impacto (neste trabalho optou-se pelo termo impacto como sinônimo de relevância), são definidos os respectivos indicadores dessas duas dimensões. Eles são, pois, elementos de conexão da questão com o campo/objeto ao qual se dirige a indagação, ou seja, a realidade que se quer examinar. (PENNA FIRME, TIJIBOY, STONE, no prelo)

Finalmente, vale destacar que a formação do profissional da avaliação requer um contínuo aprofundamento teórico, metodológico e prático, para assegurar a missão transformadora da avaliação, em relação aos indivíduos, às instituições e à sociedade em geral.

3 O PROJETO “A ESCOLA VAI AO MUSEU”

Em linhas gerais, a proposta do projeto é atender às escolas interessadas em fazer a visita ao Outeiro da Glória, com o intuito de sensibilizar e colocar o aluno em contato com as obras de arte e com parte da História do Brasil, que teve destaque no Outeiro da Glória, principalmente no Império, tanto no acervo do Museu quanto na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

O projeto busca a democratização do bem cultural, estabelecendo oportunidades para que escola, alunos e professores possam trabalhar as questões de arte e de patrimônio histórico, artístico e cultural no seu cotidiano pedagógico.

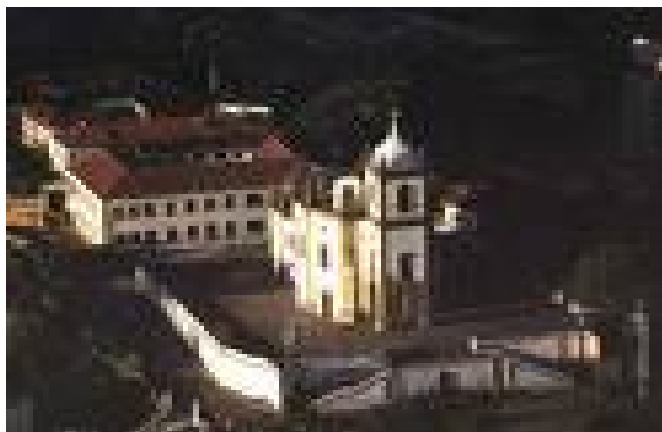


Figura 6: Igreja e ao fundo, o prédio onde está localizado o Museu.
Fonte: Foto de Marcelo Amorim (2006).

É objetivo geral do projeto integrar a comunidade às atividades do Museu através de ações educativo/culturais.

Seus objetivos específicos são os seguintes:

- introduzir alunos e professores da escola municipal, na leitura da Obra de Arte, tendo como referência a história, a crítica e a estética;
- reconhecer a importância que a visita tem na formação do aluno;
- Apropriar-se desse patrimônio cultural, através de observações, reflexões, visitas, estudos, avaliações, pesquisas e trabalhos práticos;
- desenvolver uma relação de continuidade do projeto.

3.1 O FOCO DA AVALIAÇÃO

A avaliação teve como foco, tal como foi dito anteriormente, a aula-visita intitulada “a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil em 1808”. Mais especificamente, a referida aula foi inserida no Projeto maior – “A escola vai ao museu” - que vem sendo desenvolvido pelo Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, desde 2006, sob a responsabilidade deste autor.

Vale dizer que numa dimensão mais ampla, foi a comemoração, em 2008, dos 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil que inspirou o tema da presente avaliação.

3.1.1 Descrição da Aula-Visita

A seguir, é apresentado em cinco passos, um roteiro-resumo da aula-visita, organizada e conduzida pelo autor desta dissertação.

Passo 1 - Introdução

Começa a visita com uma breve apresentação do conteúdo da História do Brasil e da Irmandade (Igreja e Museu), comentando especialmente sobre a fundação da Cidade do Rio de Janeiro com a expulsão dos franceses da Baía da Guanabara, o morro de Uruçu-Mirim (atual Outeiro), o Ermitão Antônio Caminha e a primeira Capela de Nossa Senhora da Assunção – Glória e a Fundação da Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Auto do Morro no século XVII.

Passo 2 - A Família Real no Brasil

- Napoleão invade Portugal e força a vinda da corte portuguesa ao Brasil
- A Corte portuguesa chega ao Brasil em 1808 (instala-se no Rio de Janeiro).
- A Abertura dos Portos às nações amigas.
- Realizações de D.João: criação do Banco do Brasil, Jardim Botânico, Teatro Real, Imprensa Régia, Escola Médica.

Em seguida, foram comentados a relação e o interesse da Família Real pela Igreja de Nossa Senhora da Glória. Comentou-se também sobre a consagração, em 1819, da primeira neta de D. João VI, Maria da Glória que se tornou posteriormente rainha Maria II, de Portugal.

Passo 3 - Associação de objetos do Museu da Irmandade para ilustrar a visita.

Objetos como jóias doadas por D. Pedro I à Irmandade para ornamentar a imagem de Nossa Senhora, Ex-voto da Imperatriz Leopoldina (mostrando a devoção à Nossa Senhora).

Passo 4 - Explicação oral sobre o processo de Independência do Brasil e associação com peças do acervo do Museu.

Pontos de destaque:

- Portugueses exigem a volta da família real.
- D.Pedro fica no Brasil como príncipe regente.
- Portugal quer recolonizar o Brasil.
- Dia do Fico (9 de janeiro de 1822) .
- Independência do Brasil (1822).
- Com o apoio da elite, D.Pedro declara o Brasil independente (7 de setembro de 1822).
- Poucas mudanças após a Independência: permanece a escravidão / monarquia / povo não participou.
- Apoio da Inglaterra.
- A Constituição da Mandioca (1824).
- Voto censitário (por rendas).
- Poder Moderador do Imperador (absolutista).

Passo 5 - Segundo Reinado: Exposição oral com associação de objetos do Museu com a aula-visita.

Aspectos principais de D. Pedro II com relação à Irmandade:

- D. Pedro II e a princesa Isabel também foram Consagrados nesta igreja. O título mais cobiçado por uma Irmandade foi concedido por D. Pedro II em 27 de dezembro 1849, podendo, portanto, a partir desta data acrescentar a denominação de “Imperial” à Irmandade e passa a se chamar: Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

- A Igreja de Nossa Senhora da Glória foi tão importante para D. Pedro II, que foi feita uma oração de ação de Graças pela elevação do mesmo ao pleno exercício de seus direitos majestáticos, no dia 29 de agosto de 1840.

- O Compromisso da Irmandade de 1854,
- Crescimento do bairro após a presença de Titulares do Império na Igreja.
- No dia 30 de abril de 1870 celebrou-se uma Missa, pelo fim da guerra do Paraguai que ocorreu em 1 de março, tendo comparecido sua alteza Imperial e família, inclusive o Conde d' Eu, que tinha chegado ao Brasil regressando dos campos de batalha no dia anterior.

Final da aula - Comentários sobre fatos relacionados com o Início do período republicano. Seguiu-se como fechamento da visita a explanação sobre a recuperação da Irmandade na década de quarenta e a contínua consolidação até o presente. Foi entregue um folder / histórico no final da aula. A cópia deste material é apresentada em ANEXO A.

3.1.2 A dinâmica da aula-visita

A dinâmica da aula-visita de estudantes da Escola Conde de Agrolongo (situada no bairro da Penha) é apresentada a seguir:

Os dois grupos foram compostos por estudantes de Ensino Médio (1º e 2º anos). O professor entrou em contato com a Administração da Irmandade, fazendo o agendamento para o sábado, dia 16 de agosto. O mesmo professor já conhecia a atividade proposta pela Irmandade.

O responsável pelo Museu da Irmandade forneceu um material composto por folder, histórico da Igreja e do Museu e o roteiro da visita: Chegada da Família Real Portuguesa no Brasil. A partir daí os alunos chegaram ao local já sabendo um pouco do referido local. O grupo tinha 49 visitantes, todos chegaram de ônibus que foi cedido por uma empresa que tem a garagem em uma das comunidades. O autor percebeu, logo a princípio, que a maior parte dos estudantes, não conhecia o local. A visita teve início na Igreja, conforme o roteiro apresentado, passo a passo e as dúvidas foram surgindo. A visita foi totalmente acompanhada pelo professor Tito Queiroz, professor de História da turma participante.

No passo 1 do roteiro, eles tiveram algumas dúvidas com relação ao desconhecimento sobre a fundação da cidade e as perguntas surgiram, interrompendo, com certa frequência, a aula. Foi contornada a situação, o autor propôs que todas as perguntas fossem feitas ao fim de cada passo.

No passo 2, não surgiram dúvidas e em seguida foi feito um breve intervalo para as fotografias. O maior interesse dos estudantes estava no aspecto arquitetônico, a partir de comentários como: “como conseguiram construir essa igreja nesse formato naquela época”, ou “que paredes grossas”.

Em seguida, o grupo foi para o Museu, onde foi feita a associação dos objetos com a História do Brasil. As jóias em exposição contribuíram bastante para o início do terceiro passo. A ponte histórica foi bem visível; muitos comentavam que estavam se sentindo naquela época. Todos estavam bastante interessados. As peças do acervo ilustraram a aula. Não foi enfatizado o caráter religioso, apesar de ter muita relação. Ela surgiu espontaneamente. Toda a visita foi acompanhada por um guarda municipal. Em alguns momentos o professor da turma acrescentou alguns comentários que reforçaram os apontamentos do autor.

Por fim, as perguntas surgiram com maior força, principalmente sobre questões do Segundo Reinado, houve grande entusiasmo de vários alunos, principalmente sobre o crescimento do Brasil, devido ao grande empreendedor Visconde de Mauá e os movimentos abolicionistas, até o fim da escravidão. Foi recomendado o filme Mauá e o professor pediu para que todos fizessem um resumo sobre a visita, como trabalho de aula. Todas as perguntas foram respondidas e alguns comentaram que iriam trazer a família para visitas.

O autor comentou que iria enviar um instrumento tipo questionário para que eles pudessem responder.

O outro grupo que fez a visita, com esse roteiro, foi do mesmo Colégio Conde de Agrolongo, no final de novembro de 2008. A turma era composta de 58 alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Nessa visita, o roteiro da aula foi modificado. A visita começou pelo Museu da Irmandade, pois estava havendo uma Missa na Igreja e por falha de agendamento, a visita tinha sido marcada para o mesmo horário.

Ao início da visita, alguns alunos estavam com o caderno e caneta nas mãos e outros com gravador. A visita começou na mesma ordem, mas foi utilizado um sentido diferente da programação de dentro do Museu. A visita foi iniciada com as pinturas da Igreja do século XV, associando-as no passo 1 e passo 2 do roteiro. Foi até bem interessante, pois foi mostrada a evolução do Rio de Janeiro através dos tempos e enfatizando a chegada da Família Real ao Brasil. O grupo na frente dessas pinturas um bom tempo e depois foi feito um comentário ilustrado com as doações feitas por titulares do Império. Foi apresentada uma fotocópia de um

documento que apresentava o Conde de Agrolongo como membro da Instituição, pessoa que eles não tinham ideia de quem era. A partir daí, as perguntas foram diversificadas, mas sempre relacionava as respostas com o contexto da aula.

Indo para a Igreja, foi possível visualizar bem a entrada da Baía da Guanabara, fazendo a Ponte histórica com as pinturas vistas no museu. Alguns alunos ficaram surpresos com os aterros.

Dentro da Igreja os comentários foram sobre características do estilo barroco, já que muitas perguntas foram feitas anteriormente, no Museu.

4. O PROCESSO AVALIATIVO

Da necessidade e do interesse em avaliar o projeto relacionado à integração Escola-Museu, na sua atividade específica, ou seja, a visita da escola ao museu – no caso, o Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro e alunos do ensino médio – emergiram as questões avaliativas que nortearam todo o Processo Avaliativo.

A sequência das várias etapas do processo avaliativo é apresentada em continuação a partir das indagações norteadoras.

4.1 QUESTÕES AVALIATIVAS

Foram formuladas duas questões, uma primeira de impacto e a segunda, de mérito:

1) Até que ponto, há evidência de melhora no aproveitamento escolar de alunos que participam da aula/visita no Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro?

2) Em que medida o Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro evidencia condições adequadas à aula/visita oferecida aos alunos?

4.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA AVALIAÇÃO

O contexto geral da avaliação foi:

a) O Museu e a Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro incluindo a administração da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro ou seja, Provedor, Vice-Provedor, Tesoureiro, Secretário, Procurador e Diretor de Culto; Coordenador do Museu (este autor);

b) O Colégio Estadual Conde de Agrolongo e, mais concretamente, alunos (1º e 2º anos) de Ensino Médio do referido colégio que participaram da aula-visita.

4.3 INDICADORES

Considerando a natureza das questões antes apresentadas, ou seja, uma relacionada ao impacto e a outra relacionada ao mérito, os indicadores devem ser de impacto e de mérito. Os primeiros serviram para conduzir o avaliador ao juízo de impacto sobre a aula-visita e os segundos ao juízo de mérito sobre a atividade em si

da aula-visita, na sua qualidade interna, dentro do contexto onde aconteceu. Assim, os indicadores construídos para a presente avaliação são apresentados no Quadro 1, seguindo-se à respectiva Questão Avaliativa.

Questão Avaliativa 1	Questão Avaliativa 2
Até que ponto, há evidência de melhora no aproveitamento escolar de alunos que participam da aula/visita no Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro?	Em que medida, o Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro evidencia condições adequadas à aula-visita oferecida aos alunos?
Indicadores de impacto	Indicadores de mérito
Vivência do momento histórico	Acessibilidade ao Museu
Concretização do fato histórico	Orientação
Relacionamento do acervo com o fato histórico.	Identificação do acervo
Interesse em visualizar o fato histórico	Infraestrutura
Conhecimento lógico de História	Divulgação
Satisfação na aprendizagem	
Participação	
Rendimento escolar	

Quadro 1: Questões avaliativas e respectivos indicadores.

4.4 O INSTRUMENTO

Mais concretamente, a *checklist* é um instrumento que essencialmente procura investigar as mais relevantes dimensões da realização de um programa e permite captar a intensidade, a frequência ou a qualidade de cada um de seus componentes. Nela pode ser incluída uma escala de posicionamento para o respondente. Na *checklist* desta avaliação foram apresentadas duas opções de resposta, ou seja “concordo” ou “discordo” em relação a cada afirmativa expressa, numa listagem de 30 itens os quais correspondem aos indicadores de impacto e de mérito, sendo dois ou mais itens para cada indicador, tal como já foi dito (Quadro 2).

Um breve questionário precede a *checklist* no intuito de indagar sobre o perfil do aluno respondente, bem como sobre seu conhecimento prévio do Museu e da Igreja e os fatores que poderiam facilitar ou dificultar a visita a museus e centros culturais em geral. O instrumento completo é apresentado no ANEXO B.

Indicadores de Impacto	Itens
1. Vivência do momento histórico	<ul style="list-style-type: none"> - A visita contribuiu para fortalecer meu conhecimento sobre História do Brasil. - Depois da visita, ficou mais fácil identificar os motivos que levaram a Família Real Portuguesa a se transferir para o Brasil.
2. Concretização do fato histórico	<ul style="list-style-type: none"> - Depois da visita eu consegui entender melhor a origem do movimento de Independência. - Com a visita, eu consegui perceber a influência da elite do Rio de Janeiro na permanência de D. Pedro I no Brasil
3. Relacionamento do acervo com o fato histórico.	<ul style="list-style-type: none"> - O contato direto com objetos do Museu me fez descobrir fatos que antes não conhecia. - O contato direto com peças do Museu aumentou minha curiosidade sobre História do Brasil.
4. Interesse em visualizar o fato histórico	<ul style="list-style-type: none"> - Depois que visitei o Museu passei a ter vontade de frequentar outros Museus Históricos. - A visita aumentou meu interesse em buscar outros meios de visualizar a História do Brasil.
5. Conhecimento lógico de História	<ul style="list-style-type: none"> - Depois da visita, identifiquei melhor os passos históricos da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil. - Depois da visita, consegui identificar melhor as diferenças entre o Reinado de D. Pedro I e o Reinado de D. Pedro II
6. Satisfação na aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - A visita foi um momento de prazer. - Depois da visita, eu passei a gostar mais de História do Brasil.
7. Participação	<ul style="list-style-type: none"> - Os alunos se comportaram bem na visita. - Durante a visita, surgiram perguntas dos alunos.
8. Rendimento escolar	<ul style="list-style-type: none"> - Depois da visita eu melhorei meu rendimento escolar em História do Brasil. - A visita fez com que eu procurasse mais informações sobre História do Brasil.
Indicadores de Mérito	Itens
1. Acessibilidade ao Museu	<ul style="list-style-type: none"> - Há placas informativas para a chegada ao Museu. - O acesso para deficientes é facilitado
2. Orientação	<ul style="list-style-type: none"> - O folder distribuído orientou a visita. - A visita foi bem orientada. - O guia-catálogo ajudou na orientação da visita.
3. Identificação do acervo	<ul style="list-style-type: none"> - A exposição apresenta uma ordem cronológica do século XVIII até o presente. - As etiquetas nas peças são explicativas.

Continuação

4. Infraestrutura	<ul style="list-style-type: none"> - O espaço visitado possui recursos como bebedouros, sanitários e lojinha de lembranças. - O espaço visitado possui local de alimentação, como por exemplo, lanchonete. - O Museu tem sistema de refrigeração apropriado. - A Igreja está em bom estado de conservação. - O espaço visitado é limpo.
5. Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> - Na minha escola, muitos alunos já conheciam o Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. - Eu já tinha visto a propaganda do Museu da I.I.N.S.G.O. em algum meio de comunicação (Internet, jornal, revista, rádio ou televisão).

Quadro 2: Itens da *checklist* relacionados aos indicadores de impacto e de mérito.

4.5 A TESTAGEM E VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO

No intuito de testar o instrumento de avaliação, ou seja, a *checklist*, foi realizada uma aplicação desse instrumento junto a quatro alunos de um curso de turismo de outra instituição, mas que já haviam participado alguma vez da visita ao museu.

A partir dessa testagem, algumas alterações foram feitas no instrumento no sentido de garantir a clareza e fácil compreensão como, por exemplo, a afirmação “A visita foi um instrumento de prazer” foi substituída por “A visita foi um momento agradável” e a afirmação “Outros custos” foi especificada como “Custo de alimentação”, entendendo-se que o item “dificuldade de transporte” já envolvia a questão de custo no transporte.

A validação do instrumento já com as referidas correções foi realizada junto a dois especialistas, um de avaliação e o outro de História do Brasil buscando assegurar, assim, a qualidade técnica e de conteúdo respectivamente.

4.6 COLETA DE DADOS

Para o procedimento de obtenção da informação, levando em consideração as limitações inerentes à mobilização de alunos e a distância entre o colégio e o local da visita e não querendo interromper inadequadamente a rotina escolar, foi desenhado um esquema simples, contudo efetivo para sua finalidade.

Assim, a coleta consistiu na aplicação única, aos alunos, de um instrumento tipo *checklist* (ou lista de verificação), com afirmações relacionadas aos indicadores de impacto e de mérito, apontando para itens que traduziram o que se esperava acontecer tanto no impacto da aula-visita como na qualidade interna ou mérito da visita. Alguns dados preliminares sobre a situação do aluno-respondente foram inseridas no mesmo instrumento.

A aplicação foi feita 4 semanas após a visita, justamente para dar tempo necessário para a mudança desejada aos alunos a partir da visita. Este autor foi tanto docente na aula visita, como aplicador do instrumento aos alunos, diretamente no Colégio, dentro do horário escolar.

5 RESULTADOS

A abordagem avaliativa, com características responsivo-naturalísticas se desenvolveu a partir de questões norteadoras que foram construídas através de entendimentos e observações junto aos interessados, ou seja, membros da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, sede do Museu, bem como professores e alunos. O propósito foi sempre de descobrir a realidade da visita ao Museu e de suas repercussões no ambiente escolar para detectar pontos fortes a serem consolidados bem como os frágeis a serem corrigidos.

As informações coletadas receberam tratamento estatístico descritivo. O número total de respondentes, somando-se os dois grupos foi de 100 alunos, sendo 65 do sexo masculino e 35 do sexo feminino. O número total de participantes da aula-visita foi de 107 alunos, sendo que 7 não estavam presentes no dia da aplicação da *checklist*. O perfil dos respondentes por faixa etária é apresentado no Gráfico 1.

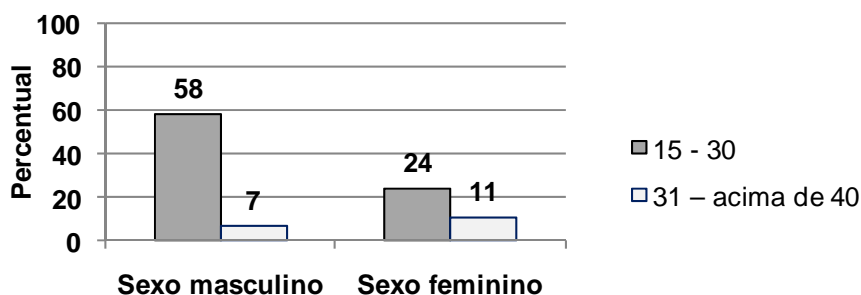


Gráfico 1: Perfil dos respondentes por faixa etária.

A análise dos dados do Gráfico 1 mostrou a predominância de alunos do sexo masculino entre os participantes que responderam a *checklist*, na faixa etária de 16 a 43 anos, todos do primeiro e segundo ano do Ensino Médio, aqui agrupados em dois conjuntos, ou seja, de 15 a 30 anos e acima de 31 anos. Contudo, acima de 31 anos, a maioria é do sexo feminino.

Os resultados são apresentados através de gráficos e incluem as respostas dos participantes em relação ao conhecimento anterior do Museu e da Igreja, dificuldades encontradas para realizar a visita, e ainda a análise das respostas dos alunos às *checklists* com referência a cada indicador e itens do instrumento.

5.1 CONHECIMENTO ANTERIOR DO MUSEU E DA IGREJA, E DIFICULDADES EM REALIZAR A VISITA

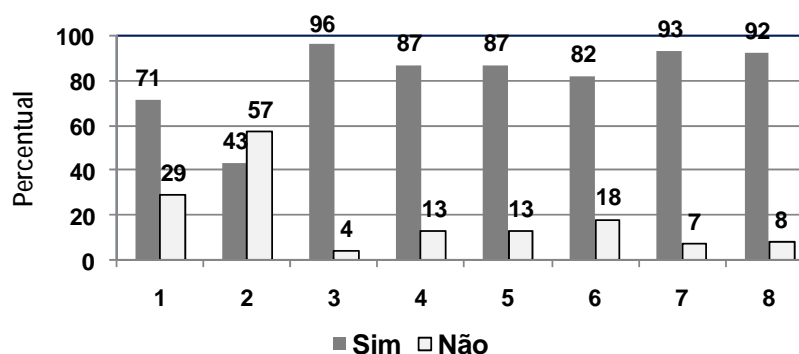


Gráfico 2: Respostas dos alunos participantes sobre o conhecimento anterior do Museu e da Igreja e fatores que dificultam a visita.

Legenda

1. Conhecimento anterior da Igreja do Outeiro; 2. Conhecimento anterior do Museu;
3. Custo do ingresso; 4. Outros custos (transporte, alimentação, etc.);
5. Dificuldade de transporte; 6. Dificuldade de estacionamento; 7. Violência urbana;
8. Falta de divulgação/informação sobre museus, exposições, atividades.

Com relação à situação dos alunos sobre o conhecimento do Museu e da Igreja (Gráfico 2), a análise dos dados revelou que a maioria dos alunos conhecia a Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro antes da visita. O mesmo não acontece no caso do Museu, em que a maioria não o conhecia.

Com respeito aos fatores que dificultam a visita a museus e centros culturais, verificou-se que de 82% a 96% dos respondentes indicaram dificuldades de visitação a museus e centros culturais em todos os itens relacionados a custo de ingresso e outros, bem como o transporte, o estacionamento, violência urbana e a falta de divulgação.

5.2 RESPOSTAS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO A CADA INDICADOR

Os gráficos a seguir representam o percentual das respostas dos participantes da visita relacionadas aos itens pertinentes a cada indicador.

5.2.1 Indicadores de impacto

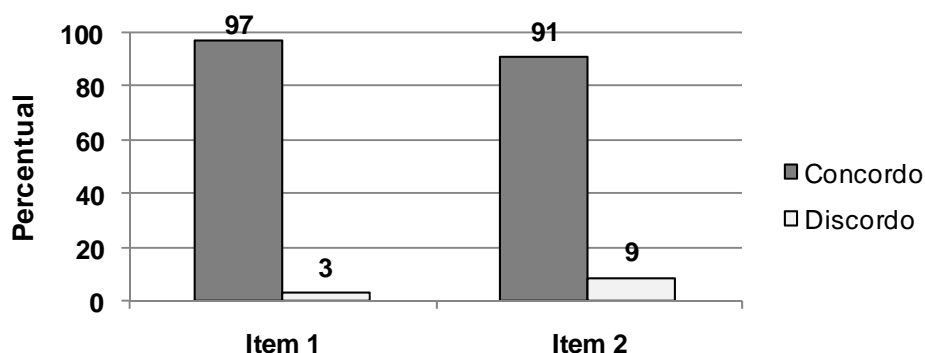


Gráfico 3: Vivência no momento histórico.

Com relação ao indicador Vivência no momento histórico (Gráfico 3), percebe-se que o percentual de concordância do item 1 foi de 97% (A visita contribuiu para fortalecer meu conhecimento sobre História do Brasil) e do item 2 foi de 91% (Depois da visita, ficou mais fácil identificar os motivos que levaram a Família Real Portuguesa se transferir para o Brasil), mostrando que a visita facilitou o conhecimento e a vivência do momento histórico brasileiro.

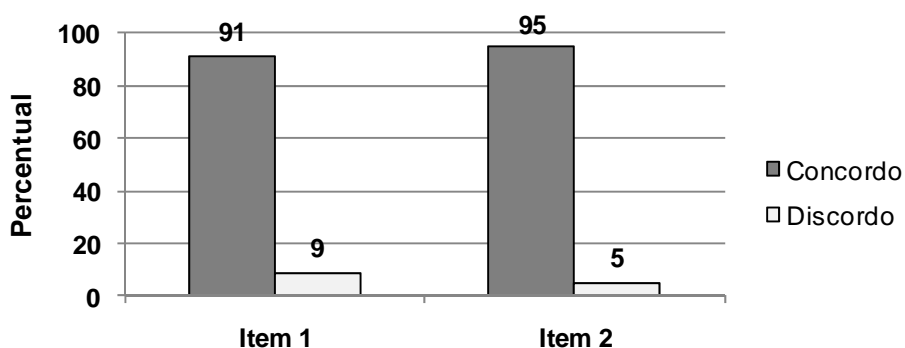


Gráfico 4: Concretização do fato histórico.

Com relação ao indicador Concretização do fato histórico (Gráfico 4), 91% dos alunos afirmaram ter identificado melhor a origem do movimento de Independência (no item 1), enquanto que 95% perceberam a influência da elite do Rio de Janeiro na permanência de D. Pedro I no Brasil (item 2), após a visita ao Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

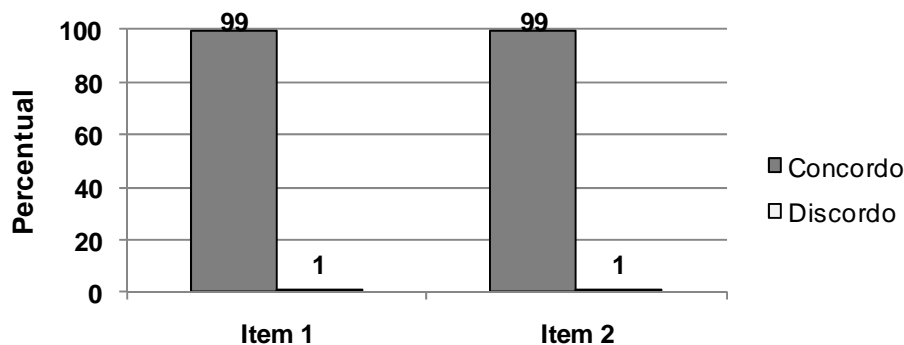


Gráfico 5: Relacionamento do acervo com o fato histórico.

Com relação ao indicador Relacionamento do acervo com o fato histórico, (Gráfico 5), os resultados mostram que 99% dos alunos, em cada item respondido, concordam com as afirmativas de que o contato com o acervo do museu aumentou a curiosidade sobre História do Brasil e ajudou a conhecerem novos fatos históricos.

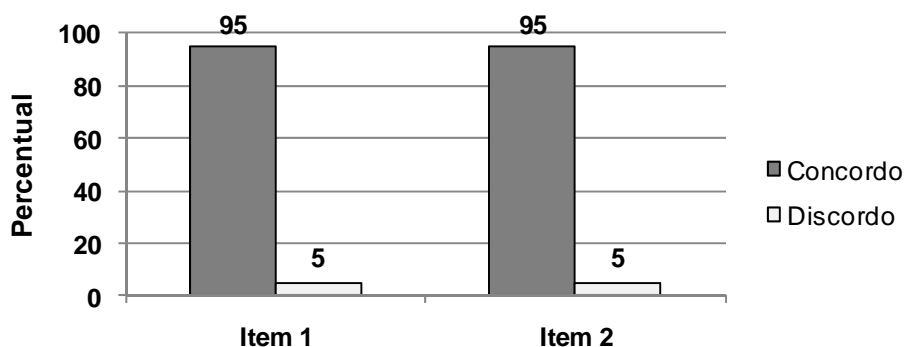


Gráfico 6: Interesse em visualizar o fato histórico.

Com relação ao indicador Interesse em visualizar o fato histórico (Gráfico 6), 95% dos participantes em cada item da *checklist* afirmaram que após a visita ao Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, visitaram outros museus e procuraram outras formas de visualizar a História do Brasil.

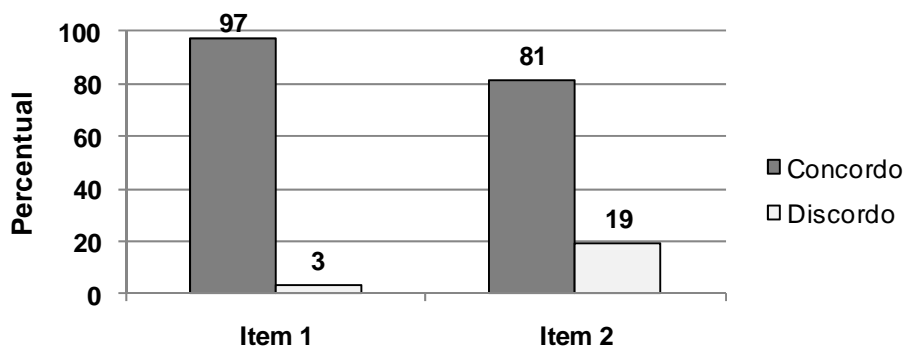


Gráfico 7: Conhecimento lógico de História.

Com relação ao indicador Conhecimento lógico de História (Gráfico 7), 97% dos participantes do estudo concordaram com a afirmativa do item 1 e 81% concordaram com a afirmativa do item 2. Mais concretamente, os alunos confirmaram de modo marcante que conseguiram identificar melhor os passos históricos da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil e distinguir as diferenças entre o reinado de D. Pedro I e D. Pedro II.

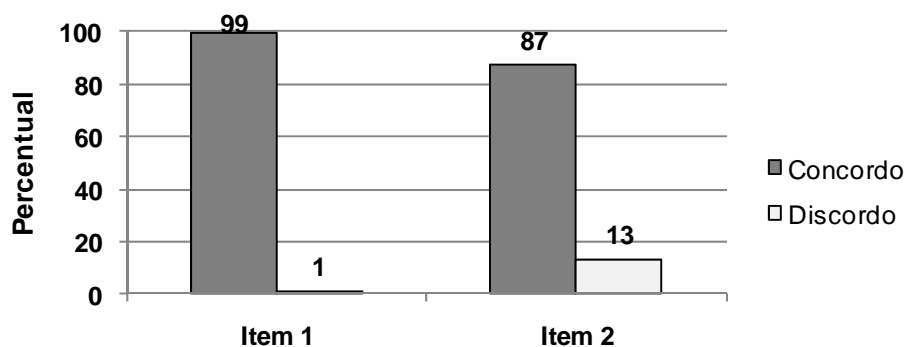


Gráfico 8: Satisfação na aprendizagem.

Com relação ao indicador Satisfação na aprendizagem (Gráfico 8), 99% dos alunos concordaram com a afirmativa do item 1, que a visita foi um momento agradável. No item 2, o percentual de concordância foi de 87%, que os visitantes passaram a gostar mais de História do Brasil. O alto percentual das afirmativas relacionadas a este indicador expressa o gosto do aluno por História do Brasil.

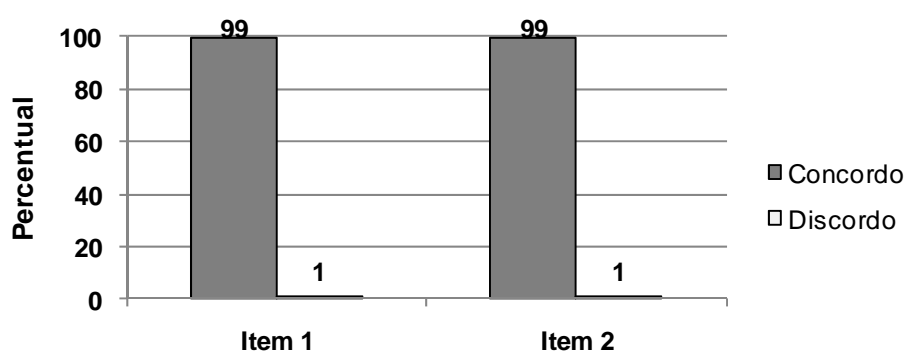


Gráfico 9: Participação.

O indicador Participação (Gráfico 9) mostra que a participação dos alunos foi muito boa, ou seja, 99% dos participantes concordaram com as afirmativas pertinentes a esse indicador: os alunos se comportaram bem durante a visita e formularam perguntas.

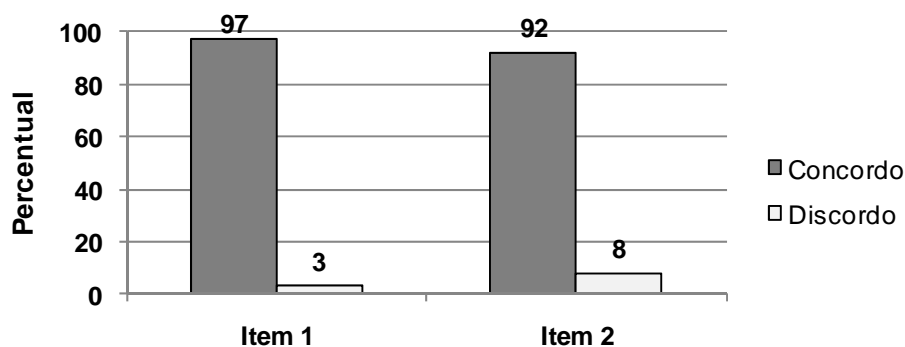


Gráfico 10: Rendimento escolar.

Com relação ao indicador Rendimento escolar (Gráfico 10), 97% dos participantes concordaram com a afirmativa do item 1, dando a entender que houve uma melhoria no rendimento escolar, após a aula-visita ao Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Já no item 2, o percentual de concordância foi de 92%, indicando que a visita incentivou a procura de mais informações sobre História do Brasil.

5.2.2 Indicadores de Mérito

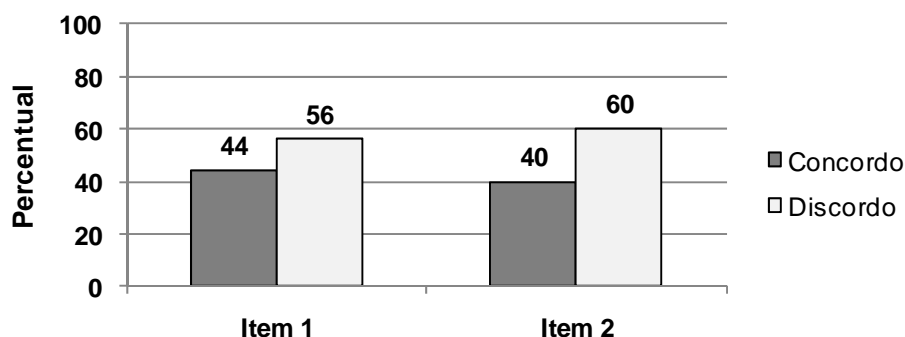


Gráfico 11: Acessibilidade ao Museu.

Com relação ao indicador Acessibilidade ao Museu (Gráfico 11), menos da metade dos alunos (44%) no item 1 concordou que há placas informativas para a chegada ao Museu e, no item 2, sobre se o acesso para deficientes é facilitado, 40% concordaram, expressando alguma dificuldade no acesso.

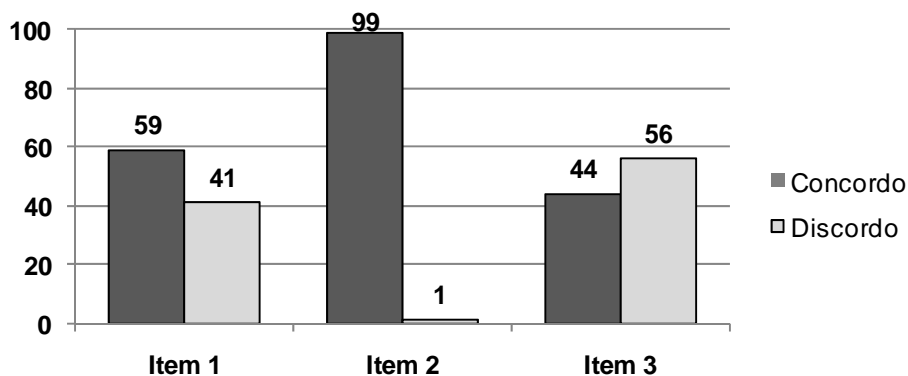


Gráfico 12: Orientação.

Com relação ao indicador Orientação (Gráfico 12), pode-se observar que 59% dos estudantes concordaram com a afirmativa do item 1 (O folder distribuído orientou a visita). Na afirmativa do item 2 (A visita foi bem orientada), a concordância foi de 99%, enquanto que na afirmativa do item 3 (O guia-catálogo ajudou na orientação da visita) houve 44% de concordância. O destaque ocorreu na orientação da visita (item 2).

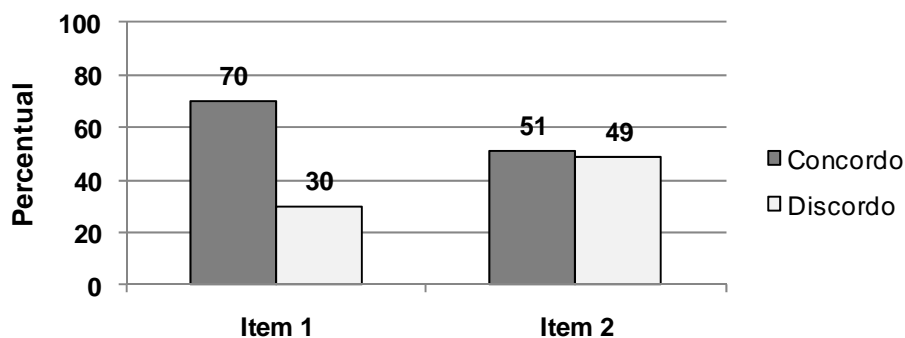


Gráfico 13: Identificação do acervo.

No indicador Identificação do acervo (Gráfico 13), percebe-se que existe alguma deficiência na identificação do acervo, uma vez que somente 70% dos alunos participantes concordaram com a afirmação do item 1 (A exposição apresenta uma ordem cronológica do século XVIII até o presente) e no item 2 (As etiquetas nas peças são explicativas), a concordância foi de 51%.

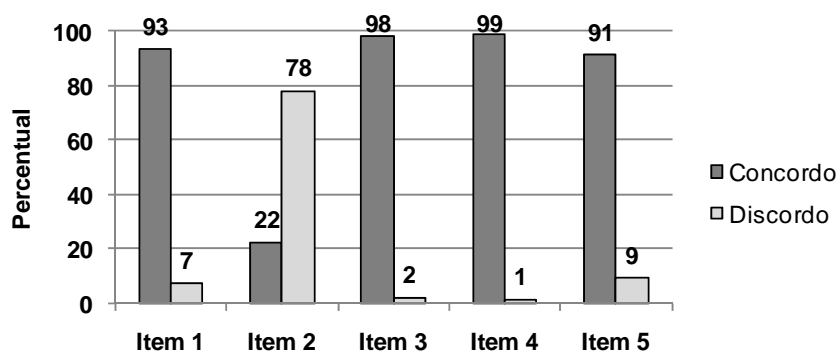


Gráfico 14: Infraestrutura.

No indicador Infraestrutura (Gráfico 14) observa-se que 93% dos estudantes concordaram com afirmativa do item 1 (O espaço visitado possui recursos como bebedouros, sanitários e lojinha de lembranças). Já na afirmativa do item 2 (O espaço visitado possui local de alimentação, como por exemplo, lanchonete), a concordância foi de apenas 22%. Na afirmativa do item 3 (O Museu tem sistema de refrigeração apropriado), a concordância foi de 98%. Na afirmativa do item 4 (O espaço visitado é limpo), a concordância foi de 99% e na afirmativa do item 5 (A Igreja está em bom estado de conservação), a concordância foi de 91%. É visível, portanto, a dificuldade marcante quanto à alimentação.

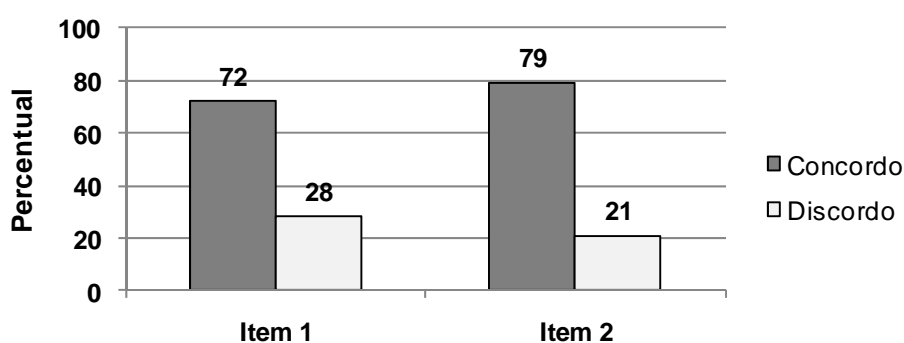


Gráfico 15: Divulgação.

No indicador Divulgação (Gráfico 15), percebe-se que 72% dos participantes da visita concordam com a afirmativa do item 1 (Na minha escola, muitos alunos já conheciam o Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro) e 79% dos participantes da visita concordaram com a afirmativa do item 2 (Eu já tinha visto a propaganda do Museu da I.I.N.S.G.O. em algum meio de comunicação como Internet, jornal, revista, rádio ou televisão). Os dados sugerem maior atenção para a divulgação.

5.3 FORMULAÇÃO DO JUÍZO DE VALOR

Em suma, os dados da presente avaliação apontam de um modo geral para resultados excelentes em relação à visita dos alunos do Colégio Estadual Conde de Agrolongo à Igreja e ao Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

Mais concretamente, em resposta à primeira questão avaliativa, ou seja, “Até que ponto há evidências de melhora no aproveitamento escolar dos alunos que participaram da visita à Igreja e ao Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, na percepção dos integrantes da visita, todos os indicadores de Impacto – Vivência do momento histórico; Concretização do fato histórico; Relacionamento do acervo com o fato histórico; Interesse em visualizar o fato histórico; Conhecimento lógico de História; Satisfação na aprendizagem; Participação e Rendimento escolar – foram confirmados, o que pode ser, pelo menos tentativamente, julgado como sinal de impacto positivo da visita na melhoria do aproveitamento escolar dos alunos participantes, no que se refere ao ensino – aprendizagem de História do Brasil.

Em resposta à segunda questão avaliativa, ou seja, “Em que medida o Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro evidencia condições adequadas à aula-visita oferecida aos alunos”, na percepção dos alunos integrantes da visita, os indicadores de mérito – Acessibilidade ao museu; Orientação; Identificação do acervo; Infraestrutura e Divulgação – foram confirmados em diferentes níveis de aceitação, ou seja, com maior ou menor percentual de concordância em relação às condições da visita.

Nesse sentido, vale destacar que a infraestrutura e a divulgação foram as condições mais positivamente percebidas pelos alunos. Entretanto, a acessibilidade ao Museu foi vista como tendo limitações em termos de acesso para deficientes e placas informativas para a chegada ao Museu. Um outro aspecto que merece especial comentário é o que se refere ao indicador Orientação ou seja, o folder distribuído e o guia-catálogo, segundo a percepção dos alunos foram apenas parcialmente aprovados, o que mereceria uma análise mais aprofundada, no que provavelmente tange à sua atualização e correspondência mais clara entre o objeto exposto e a organização cronológica do texto, o que, por certo, ajudaria o visitante. Há, porém nesse indicador, uma importante exceção, ou seja, a afirmativa quanto ao

fato da visita ter sido bem orientada pelo avaliador (este autor) mostrou um percentual elevado de concordância (98,46%).

Esses resultados, apesar de algumas limitações apontadas, podem de um modo geral, ser julgados como mérito da visita em resposta à segunda questão avaliativa.

Em síntese, ainda que respeitando os limites inerentes a este processo avaliativo, na sua abrangência e na profundidade da análise, é possível formular um juízo de mérito e um juízo de impacto, favoráveis à realização da atividade “aula-visita” dentro do contexto maior “A escola vai ao museu”.

6 CONCLUSÕES, LIÇÕES APRENDIDAS, RECOMENDAÇÕES

6.1 CONCLUSÕES E LIÇÕES APRENDIDAS

A presente avaliação partiu de questões avaliativas em relação à aula-visita à Igreja e ao Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, proporcionadas a alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Conde de Agrolongo da Cidade do Rio de Janeiro, conduzida por este autor (Coordenador do Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro). A referida aula foi realizada com o propósito de promover melhoria no aproveitamento escolar desses alunos, na área de História do Brasil. Ela aconteceu justamente no contexto da celebração dos duzentos anos da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil.

Indicadores foram construídos em relação às questões avaliativas e se referiram ao Impacto e ao Mérito da atividade – foco. Essencialmente foi utilizado um instrumento tipo *checklist*. Documentos, observações e contatos enriqueceram as informações coletadas. Os resultados mostraram que na percepção dos alunos, a aula-visita teve Impacto na melhoria do aproveitamento escolar, no âmbito da História do Brasil e teve Mérito nas condições e no processo da visita, apesar de algumas limitações que se espera sejam corrigidas.

Algumas lições importantes emergiram desta avaliação que embora tão simples, na sua concepção e amplitude, serviu como uma experiência piloto para gerar novas questões avaliativas, hipóteses de pesquisa e concretamente subsídio para fortalecer o projeto “Escola vai ao museu”. Espera-se que esse fortalecimento provoque a iniciativa de professores, gestores, alunos e escolas em geral, bem como o aperfeiçoamento das condições de funcionamento, museografia e divulgação das vantagens desse contato escola-museu para o benefício dos alunos e a educação da própria sociedade.

6.2 RECOMENDAÇÕES

De todo este processo avaliativo emergiram as seguintes recomendações:

- que se divulgue entre as famílias e a sociedade em geral o elevado significado do museu no desenvolvimento educativo, social, histórico e cultural;

- que sejam estabelecidos programas de orientação sobre “visita ao museu” para professores dos diferentes níveis de ensino (fundamental, médio, técnico e superior);
- que seja feito um planejamento específico para cada grupo de visitantes, com antecedência, sabendo-se de antemão quais tipos de obras serão vistas. Pode-se, então, elaborar atividades lúdicas que orientem o estudante a caminhar pelo espaço expositivo já com alguns objetivos, o que ajudaria a focalizar a atenção em determinadas obras;
- que o acesso a deficientes seja facilitado;
- que as técnicas museográficas tradicionais sejam modernizadas para estabelecer uma melhor comunicação entre o objeto e o visitante;
- que o museu intensifique seus esforços na recuperação do patrimônio cultural com restauração de obras de arte;
- que o museu crie sistemas de avaliação que permitam determinar a eficácia de sua ação em relação às escolas e à comunidade em geral;
- que o museu organize exposições especiais ilustrando acontecimentos históricos, para propiciar vivência histórica principalmente a crianças e jovens;
- que o museu seja integrado a escolas, principalmente da região onde é situado, garantindo regularmente os serviços de aula-visita;
- que o acervo do museu seja difundido nas escolas, através dos meios audiovisuais.

Um museu não pode substituir um livro ou um curso, mas pode oferecer uma importante contribuição no processo educacional: provocar o querer aprender. Avaliar esse desafio é um desafio.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara. *Quem visita nossos museus?: pesquisa de público no Brasil*. Petrópolis, 2003. Palestra proferida durante a Oficina sobre Avaliação e Estudos de Público para a implantação do Observatório de Museus e Centros Culturais.
- CAZELLI, Sibeles; KOPTCKE, Luciana Sepúlveda; LIMA, José Matias de. *Museus e seus visitantes: relatório de pesquisa*. Brasília, DF: Fiocruz, 2009.
- DUARTE, Teresa Martinho. *Apresentar a arte: estudo sobre monitores de visitas a exposições*. Portugal: Ed. ICS, 2007.
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.
- FLEMING, Thiers. *Relatório da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro: Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, 1939.
- FRIDMAN, Sérgio A. *História do bairro da Glória*. Rio de Janeiro: Barroco, 2002.
- IMPERIAL IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO. *Atas: atas sem especificações de mesa da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro, 1835-1990.
- MONTE ALEGRE, José da Costa Carvalho, Visconde de. *Concessão do Título de Imperial à Irmandade*. Rio de Janeiro, 1949.
- MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- PENNA FIRME, Thereza. *Os avanços da avaliação no século XXI*. São Paulo, [2001]. Disponível em: <http://www.cenpec.org.br/modules/editor/arquivos/c8a0633f-4d01-eae6.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2008.
- PENNA FIRME, Thereza; TIJIBOY, Juan Antonio; STONE, Vathsala Iyengar. *Avaliação de programas sociais: como focar e como por em prática*. Belo Horizonte: Modus Faciende, [200-].
- SCRIVEN, Michael. *Evaluation thesaurus*. 4. ed. Newbury Park, CA: Sage, 1991.
- TELLES, Augusto da Silva. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.
- VENI, vidi, vici. *Wikipédia*, [S.l.], 2009. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Veni,_vidi,_vici. Acesso em: 22 jul. 2009.
- WORTHEN, Blaine R.; SANDERS, James R.; FITZPATRICK, Jody L. *Avaliação de programas: concepções e práticas*. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Ed. Gente, 2004.

ANEXOS

ANEXO A - Folder/ Histórico

Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro

ARQUITETURA

Pela época em que foi edificada e pelas características de sua planta, a Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro constitui-se um monumento de importância excepcional para o Rio de Janeiro.

Seu plano arquitetônico, invulgar nas arquiteturas brasileira e portuguesa, combina a forma de duplo polígono com esguias pilastras de cantaria, conferindo-lhe o dinamismo e barroquismo que a distinguem, de rara elegância.

Sem protótipo onde se possa encontrar sua origem, a planta é constituída por dois octógonos irregulares, alongados e interligados, antecidos pela base quadrada da torre da sineira, cujo pé lhe serve de pórtico entre três arcos de cantaria. Acima do pórtico com abóbada de arestas, situa-se o coro e, no topo, o campanário. A portada central, neoclássica, tem no alto um medalhão da Senhora da Assunção; as duas laterais são simples, com elementos do final do barroco ou do rococó.

A nave, encimada por terraço de cobertura, com paredes de excepcional espessura, é coberta por uma abóbada de berço entre duas abóbadas cônicas, seguradas por arcos duplas de cantaria. Esguias pilastras, coroadas por coruchéus altos e robustos, demarcam seus sucessivos planos.

INTERIOR

No interior da Igreja, dupla ordem de pilastra e cimalha de cantaria compõe a nave única, conjunto de grande sobriedade a que preciosas barras de azulejos setecentistas conferem colorido. Fabricados especialmente para os lugares que ocupam, esses azulejos datam com segurança, de 1735 a 1740. Com desenho monocromático e composição barroca, representam cenas inspiradas no “Cântico dos Cânticos” onde aparecem Sulamita, com arcaz do século XIX, cujo retábulo contém um oratório, dois espelhos e quatro painéis com os Santos Doutores da Igreja.

Nos três altares, nas tribunas e no coro, substituindo certamente outras mais antigas, as talhas são do final do século XVIII ou início do XIX, fase de transição do rococó para ao neoclássico, com colunas coríntias de caneluras verticais. Toda essa talha foi recoberta por gesso no final do século passado e raspada posteriormente. Também datam da segunda metade do século XVIII as bacias dos púlpitos, de pedra portuguesa, que se assemelham à do coro, em madeira e os dois lavabos, de mármore policromo.

A capela-mor é coberta por um berço de alvenaria, com cimalha de madeira como prolongamento do retábulo; o teto, de tábuas de friso, formam painéis com pinturas ingênuas.

O MUSEU

O Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro teve sua origem com a mostra de documentos e alfaias organizados em 1939, por ocasião das solenidades do bicentenário da Igreja e, já em 1941, instalava-se em sala do Edifício Glória do Outeiro, inaugurado naquele ano.

Foram então reunidos e catalogados, passando a compor o acervo do Museu, objetos de valor material e histórico que haviam servido à Igreja durante um século, muitos deles guardados por questões de segurança. Esses objetos, em sua maioria datando do século XIX, representam uma época de esplendor, arte e requinte e foram doados à Irmandade por nossos Imperadores e Princesas, por membros da nobreza brasileira e pela sociedade local.

No Museu podem ser vistos os paramentos, documentos, alfaias, prata, quadros, móveis usados anteriormente na celebração das missas e cerimônias religiosas e as jóias que adornam as imagens da senhora da Glória e do Menino Jesus. Constituem também o acervo ex-votos, oferecidos por devotos de Nossa Senhora da Glória em agradecimentos a graças alcançadas.

MISSAS

Domingo às 9:00 horas.

Domingo às 11:00 horas – Missa da Irmandade.

MUSEU

Terça a sexta das 9:00 às 17:00 horas.

Sábado de 9:00 às 12:00 horas.

Domingo de 9:00 às 13:00 horas

FESTAS

- *15 de agosto – Festa de Nossa Senhora da Glória: Missa Solene, Procissão Barraquinha e Novena.*
- *10 de outubro – Fundação da Irmandade – Missa Solene*

Telefones: 2225-2869 – 2557-4600

ANEXO B - Checklist

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE “A ESCOLA VAI AO MUSEU”

Esclarecimentos

Isto não é uma prova. É um instrumento para verificar a opinião sobre a aula-visita no Museu e Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Procure responder a tudo. Sua colaboração é muito valiosa para conhecermos o que os alunos e as alunas que visitaram o Museu acharam e aproveitaram da visita.

Informações pessoais

Nome (opcional): _____ Sexo: M () F ()
 Data de nascimento: _____
 Ano do Ensino Médio que cursava quando fez a visita ao Museu:
 () 1° ano () 2° ano () 3° ano
 Nome do Colégio em que está matriculado: _____

1ª PARTE:

Responda às seguintes perguntas, marcando **sim** ou **não** em cada item:

	Sim	Não
1. Antes da visita, você já conhecia o Outeiro da Glória?		
2. Antes da visita, você já conhecia o Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro?		
3. Na sua opinião, que fatores dificultam a visita a museus e centros culturais?		
3.1 Custo do ingresso?		
3.2 Outros custos de alimentação?		
3.3 Dificuldade de transporte?		
3.4 Dificuldade de estacionamento?		
3.5 Violência urbana?		
3.6 Falta de divulgação/informação sobre museus, exposições, atividades etc?		
3.7 Outro fator? Qual? _____		

2ª PARTE:

Instruções:

Aqui há várias afirmações (de 1 a 30). Ao lado dessa lista há duas colunas; uma tem, no alto, a palavra CONCORDO, e a outra a palavra DISCORDO.

Em cada afirmação você vai responder, marcando com um X, se concorda ou se discorda do que está escrito. Esta será sua opinião. Responda o que você acha.

N°	Afirmativas	Concordo	Discordo
1	A visita foi um momento agradável.		
2	O contato direto com objetos do Museu me fez descobrir fatos que antes não conhecia		
3	A visita contribuiu para fortalecer meu conhecimento sobre História do Brasil.		
4	Durante a visita, surgiram perguntas dos alunos.		
5	Com a visita, eu consegui perceber a influência da elite do Rio de Janeiro na permanência de D.Pedro I no Brasil.		
6	Os alunos se comportaram bem na visita.		
7	O contato direto com peças do Museu aumentou minha curiosidade sobre História do Brasil.		
8	Depois da visita eu melhorei meu rendimento escolar em História do Brasil.		
9	Depois da visita eu consegui entender melhor a origem do movimento de Independência		
10	Depois da visita, ficou mais fácil identificar os motivos que levaram a Família Real Portuguesa a se transferir para o Brasil.		
11	Depois que visitei o Museu passei a ter vontade de frequentar outros Museus Históricos.		
12	Depois da visita, identifiquei melhor os passos históricos da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil.		
13	A visita aumentou meu interesse em buscar outros meios de visualizar a História do Brasil (tais como filmes, fotografias, internet, livros ou outros).		
14	Depois da visita, eu passei a gostar mais de História do Brasil.		
15	A visita fez com que eu procurasse mais informações sobre História do Brasil.		
16	Depois da visita, consegui identificar melhor as diferenças entre o Reinado de D. Pedro I e o Reinado de D. Pedro II		
17	Há placas informativas para a chegada ao Museu.		
18	O acesso para deficientes é facilitado		
19	Eu já tinha visto a propaganda do Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro em algum meio de comunicação (Internet, jornal, revista, rádio ou televisão).		
20	A visita foi bem orientada.		
21	A exposição apresenta uma ordem cronológica do século XVIII até o presente.		
22	O folder distribuído orientou a visita		
23	As etiquetas nas peças são explicativas.		
24	O guia-catálogo ajudou na orientação da visita.		
25	O Museu tem sistema de refrigeração apropriado.		
26	O espaço visitado é limpo.		
27	A Igreja está em bom estado de conservação.		
28	O espaço visitado possui recursos como bebedouros, sanitários e lojinha de lembranças.		
29	Na minha escola, muitos alunos já conheciam o Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.		
30	O espaço visitado possui local de alimentação, como por exemplo, lanchonete.		

Muito obrigado por sua colaboração.